

de SOL a SOL



O primeiro Centenário da Universidade do Pôrto

O Pôrto vai brevemente comemorar o primeiro centenário da sua Universidade, que tantos serviços tem prestado à cultura nacional, contribuindo para o elevamento do nível intelectual português.

De maneira alguma, «Sol Nascente» pode ficar alheio a festividades desta natureza, que vincam através os anos, acontecimentos de grande alcance moral e social. E para dar maior relêvo ao «primeiro centenário» da Universidade nortenha, em breve publicaremos nas colunas do nosso quinzenário notas mais extensas, que dêem uma visão clara do que foi a antiga «Academia Politécnica do Pôrto».

Esperamos que a comemoração do primeiro aniversário da nossa Universidade não seja só da iniciativa puramente académica, e que o povo portuense tome dela parte integrante, pois a êle se deve a sua fundação.

Puchkine

Comemorou-se há pouco o primeiro centenário da morte de Alexandre Sergueich Puchkine, famoso poeta russo que até hoje ainda não teve rival na grande e trágica nação eslava.

O seu poema *Ruslan e Liudmila* assinalou uma nova época na poesia nacional russa e foi mais tarde a base da ópera famosa de Glínka.

Esteve quasi a ser desterrado para a Sibéria ao escrever a sua obra *Volnost (A Liberdade)* e foi-o para o Cáucaso. Aqui, nas escarpas da Crimeia e com o Mar Negro aos pés, compôs o seu *Prisioneiro do Cáucaso*, que o celebrizou em toda a Rússia.

Agravou-se, contudo, a sua situação material. Vagou pelo seu país e trabalhou com heroicidade, sendo um dos primeiros escritores russos que conseguiu ganhar a vida escrevendo.

O seu magistral poema *Eugénio Oneguín* levou sete anos a escrever. É feito à maneira *byroneana*, filho do romantismo ocidental que Puchkine introduziu na Rússia, cheio de concepções artísticas originais, e trespassado da profunda alma eslava. Exerceu grande influência em Gogol (*Almas Mortas*), Tolstoi (*Ana Karenine*), Chestov, Gorky, etc.

Shakespeare inspirou-lhe o seu drama *Boris Godunov* e é uma obra genial *A Filha do Capitão*.

Puchkine, desde os seus primeiros trabalhos em que imitava Molière e estudava os racionalistas do séc. XVIII, foi sempre um defensor da liberdade espiritual do homem. Na novela *Dubrocoky* foca-se a rebelião contra a violência. E a miséria angustiosa do povo do seu país fez-lhe dizer ao seu discípulo Gogol a conhecida frase: — *Meu Deus! Como a nossa Rússia é triste!*

Interrogação de H. G. Wells

É com um tom de suave ironia — vinco bem vivo ainda do seu temperamento de humorista universalmente afamado — que o escritor e humanista filósofo H. G. Wells trata os problemas sérios, palpantes e graves da hora decisiva que vivemos. Referindo-se às complexidades do momento e ao eclodir ou não duma vasta conflagração europeia ou mundial, o visionário de *A Guerra dos Mundos*, fala, subtil e expressivo, duma geração — a nossa — que pretendendo entrar na vida, vê a sociedade cheia de escolhos e tropeços, economicamente desarranjada, desequilibrada, num planeta que *fisicamente* é preciso reconstruir. Compreende bem a angústia das gerações que querendo trabalhar, afirmar ou, como diria Nietzsche, cavar profundamente até encontrar o manancial, olham em seu derredor e vêem um mundo que as não escolhe e que duramente se mostra agressivo para os seus heróicos tentâmens.

Wells, num demasiado optimismo, considera os Estados pouco aptos materialmente a envolver-se numa terrível guerra, que, a declarar-se, supõe vir mais tarde, daqui a anos; tem esperança num excesso de energia que supõe existir nos homens da actualidade; propõe uma decisiva pugna pela melhoria económica das nações e das classes e pergunta entre confiante e dolorido: «Estaremos em vésperas de que um extraordinário e sobrenatural poder moral e intelectual nos liberte dos perigos e das incertezas da época?»

Homem Cristo — um símbolo

No país que viu Herculano — roble duro que cedeu — retirar para Vale de Lobos, que ouviu o fado lamuriento, e escutou as falas desalentadoras dos «Vencidos», que animou a lenda do sebastianismo, neste país das saúdes e do saúdosismo religioso e vago, quando um António Sérgio estigmatiza sebastianices e um Rodrigues Lapa vitupera vencidismos, adquirem uma admirável estatura e uma heróica posição: compreendem quanto a força e a coragem valem como atitudes, quanto elas significam de superior ante as melancolias e requebros dos que não sabem ser fortes até final...

E Homem Cristo é também um vulto. Pode não pensar-se como êle, não aferir-se as coisas e os caracteres pela mesma bitola. Mas há que compreender o símbolo de energia, de dinamismo perene e intenso que representa êsse vulto de aproximadamente oitenta anos, ousando pensar por sua conta, ferir, degladiar-se e que, nesta hora convulsa, desequilibrada, dirige palavras de optimismo, animadoras, às gerações que se preparam para manter na sociedade uma linha de orientação progressiva... Homem Cristo é um símbolo de vivacidade e dá-nos, no seu exemplo de enérgica conduta, uma salutar lição.

SOL
nascente

Secretário de redacção: Afonso de Castro Senda

Administrador: Manuel Azevedo

Director de publicidade: Orlando Braga

ASSINATURAS: Série de 5 números, 5 escudos — Série de 10 números, 10 escudos
(Pagamento adiantado)

Pôrto, 2 de Março de 1937 — Ano primeiro — Número três

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

